

OS OLHOS E O MEDO: UMA LEITURA DO CONTO “SEM OLHOS”, DE MACHADO DE ASSIS

YASMIN DE OLIVEIRA GUIDOTTI¹; ALFEU SPAREMBERGER²;

¹Universidade Federal de Pelotas – yasminguidottis@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – alfeu.sparemberger@outlook.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo central analisar o conto “Sem olhos”, de Machado de Assis, publicado originalmente em *Jornal das Famílias*, em 1876, tomando essa narrativa como fantástica com base nas teorias propostas por TODOROV (2004). Para efeitos de interpretação, essa análise apoia-se nos escritos do professor brasileiro FRANÇA (2011) sobre fontes e sentidos do medo e o poder emitido pelos olhos segundo BOSI (1995).

2. METODOLOGIA

Essa análise foi motivada pela disciplina optativa de Leituras Dirigidas: Autores e Obras que teve como objeto de estudo as temáticas do fantástico, gótico e horror. A modalidade de pesquisa utilizada na realização deste trabalho é bibliográfica, qualitativa e tem como objetivo realizar um estudo analítico do conto de Machado de Assis pelo viés dos olhos como causador do medo dentro do universo fantástico apresentado no conto.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os olhos ocupam um lugar de suma importância dentro da arte ocidental. Na mitologia grega, Medusa foi amaldiçoada por Atena e qualquer um que olhasse diretamente em seus olhos se transformava em pedra. Na música brasileira, o tema se faz presente em “Pela Luz dos Olhos Teus”, canção composta por Vinicius de Moraes e eternizada na voz de Tom Jobim, “(...) Quando a luz dos olhos meus e a luz dos olhos teus resolvem se encontrar, (...)”. Na peça de teatro escrita por Sófocles, importante dramaturgo da Grécia Antiga, ao descobrir que sem conhecimento matou o pai e casou-se com a mãe, o rei Édipo perfura os próprios olhos como forma de punição por seus atos.

Na arte renascentista, a obra de Leonardo da Vinci, polímata italiano, “A Gioconda” também conhecida como “Mona Lisa”, ganhou notoriedade mundial por diversas razões, sendo que uma delas diz respeito a sensação que os espectadores têm de estarem sempre sendo observados pelos olhos da figura retratada. Não é por acaso que na obra “Sem Olhos”, de Machado de Assis, o olhar se torna protagonista das ações dos personagens, evocando o medo, hesitação e outros componentes que pertencem ao campo da literatura denominada como fantástica.

A narrativa de Machado começa na casa do casal Vasconcelos, que recebe quatro amigos: Sr. Bento Soares, D. Maria do Céu (esposa de Soares), bacharel Antunes e o desembargador Cruz. Os convidados presentes debatem a existência ou não de fantasmas. Bento Soares só reconhece como realidade aquilo que o tange, D. Maria do Céu afirma não crer em fantasmas, pois acredita que esses são frutos do medo e, ela, que não tem medo de nada nem de

ninguém, não os teme. Cruz admite crer em espíritos e, posteriormente, por insistência dos outros, narra um episódio de sua juventude que explica o que motivou sua crença em assombrações.

Nesse momento da narrativa é possível dizer que o autor já flerta com o universo fantástico, em que tudo está relacionado entre si, preparando o leitor para o que está por vir, pois os personagens debatem acerca de um elemento sobrenatural (fantasmas) em que entre opiniões divergentes acerca da existência ou não de espíritos, o narrador afirma crer em fantasmas e, por outro lado, o restante dos presentes defende o ponto de que fantasmas não existem. Sobre essa questão, vale ressaltar o que foi proposto por Poe e destacado por Todorov: “Para Edgar Poe, a novela breve se caracteriza pela existência de um efeito único, situado ao final da história, e pela obrigação que têm todos os elementos do relato de contribuir a este efeito.” (TODOROV, 2004, p. 46).

A história do desembargador Cruz ocorreu quando ele era mais jovem e conheceu o seu novo vizinho, Damasceno Rodrigues. No começo, devido ao comportamento estranho do homem, o desembargador pensou tratar-se de um lunático, porém, com o passar do tempo, Damasceno e Cruz construíram uma espécie de amizade. Perto de falecer, o vizinho confia ao jovem uma história que teria acontecido com ele há anos. No interior da Bahia, Damasceno Rodrigues era médico e fez amizade com um homem, seu colega de profissão, porém rico e casado com Lucinda. Nesse período, após notar o modo como o marido “sábio, taciturno e ciumento” tratava Lucinda, causando medo e modéstia na moça, Rodrigues criou um sentimento de paixão para com ela, porém acreditava ser algo unilateral, uma vez que Lucinda não o olhava e ainda o tratava de forma monossilábica.

A partir da descrição do marido de Lucinda, como um homem “sábio, taciturno e ciumento”, e o modo como ela se comporta diante disso, evitando sequer olhar na direção de Damasceno, é possível afirmar que o sentimento de medo se faz presente no âmago da mulher, moldando o modo como ela age a fim de evitar criar “problemas” com o marido. Não é o medo do sobrenatural, como o conceituado por Lovecraft e Poe, que a aflige, mas um medo mais palpável; mais voltado para o real, como descreve o professor Júlio França: “O medo é uma emoção negativa e associada a um sofrimento singular: sofre-se não por algo que esteja ocorrendo no presente, mas que poderá vir a ocorrer.” (FRANÇA, 2011, p. 59).

Porém, um dia, durante uma visita, Damasceno encontra Lucinda “mais triste que de costume” e a confronta sobre isso, nesse momento, ocorre uma troca de olhares entre ambos e ele percebe que o sentimento de carinho é mútuo. Entretanto, o marido, que presenciou toda cena, fica fora de si e Lucinda, com medo, perde os sentidos e desmaia. Damasceno tenta explicar para o homem o que aconteceu, mas percebe que sua atitude é em vão e desiste de argumentar, sem coragem para enfrentar o homem naquele momento, ele decide ir embora.

Nesse sentido, o crítico literário Alfredo Bosi, descreve que “o olho cioso é inventivo. A gelosia é uma grade estreita feita no olho da parede pelo olho do amante que não suporta ver a amada ser vista pelo olho do outro.” (BOSI, 1995, p. 78). Com isso, ao ver uma troca de olhares entre Damasceno e Lucinda, o homem ciumento fica em estado de fúria e tal sentimento é descrito: “Nunca vi mais terrível expressão em rosto humano! A cólera fazia dele uma Medusa”. A reação do marido causa medo em ambos, fazendo com que Lucinda desmaie e Damasceno fique inibido - incapaz de argumentar até se fazer ouvido, “isso porque o medo é uma experiência passiva, algo que experimentamos à revelia de

nossa vontade.” (FRANÇA, 2011, p. 59).

Algumas semanas depois, Damasceno volta à propriedade do homem para averiguar o rumor de que Lucinda havia morrido. Chegando no local, ele se depara com o marido da mulher, que lhe afirma que ela está viva, mas podia morrer no dia seguinte por conta do castigo atribuído. O homem arrasta Damasceno pelo pulso até uma sala interior. Chegando no local indicado, o marido afirma: “Vê. Só lhe castiguei os olhos” e, ao notar o estado de Lucinda, Damasceno se assusta ao perceber que “os olhos da pobre moça tinham desaparecido; ele os vazara, na véspera, com um ferro em brasa”. Ao final, o marido salienta: “Os olhos delinqüiram, os olhos pagaram!”.

No trecho anterior, Damasceno, hesitante e com medo do mal que o homem poderia lhe causar, só se dirige até o outro cômodo, pois o homem o arrasta pelo pulso. Esse tipo de medo é visto como positivo por França, pois “está intimamente ligado aos mecanismos de autopreservação.” (FRANÇA, 2011, p. 59). O homem tenta amenizar o impacto de sua atitude grotesca para com Lucinda, repetindo mais de uma vez, que só lhe feriu os olhos - como se fosse pouca coisa ou como se pudesse justificar o seu crime. Ao vazara os olhos da moça, o marido lhe tirou o que, para ele, seria o causador do “pecado” da mulher. Porém, é possível afirmar que ao castigar os olhos de Lucinda, o homem também está afetando mais do que somente sua visão, pois “os cinco sentidos não são se não um só: a faculdade de ver” (LAMBERT apud TODOROV, 2004, p. 64) e, segundo Bosi:

O mundo se dá ao olho humano, segundo o discurso de Epicuro e Lucrécio, porque a natureza desenvolve um movimento constante, veloz, febril. desprendendo da superfície dos seres os simulacra (...) os simulacros, por serem materiais. embora tenuíssimos, vêm ao encontro dos nossos olhos. (BOSI, 1995, p. 67).

A narrativa retorna para o quarto do doente, em que o desembargador Cruz se encontra em estado de horror com o que foi relatado pelo vizinho e Damasceno, já alucinando pela doença, vociferando frases desconexas aponta na direção da parede, fazendo com que Cruz siga com os olhos o lugar indicado e enxergue “uma mulher lívida, a mesma do retrato, com os cabelos soltos, e os olhos... os olhos, esses eram duas cavidades vazias e ensangüentadas.” O desembargador, tamanho horror, desmaia e acorda somente no dia seguinte. Ao despertar, Cruz descobre que Damasceno havia falecido. Algum tempo depois da morte do vizinho, o desembargador descobre fatos acerca da vida do velho que comprovam que ele nunca esteve na Bahia e que Lucinda, na verdade, era sua sobrinha, solteira e já falecida.

Nesse momento, por mais que o relato de Damasceno seja desmentido, o acontecimento sobrenatural vivido por Cruz permanece e, assim, o fantástico preenche toda atmosfera da narrativa, pois há um acontecimento sobrenatural que provoca um efeito de horror, terror ou/e curiosidade, sendo esse, para Todorov, uma das definições funcionais do gênero. O medo que acomete o jovem desembargador Cruz é acerca de um elemento que foge das leis que tangem o mundo natural, habitando o campo do fantástico, definindo-se como o medo do desconhecido. Essa reação do personagem é algo instintivo, pois “a emoção mais forte e mais antiga do homem é o medo, e a espécie mais forte e mais antiga de medo é o medo do desconhecido.” (LOVECRAFT, 1987, p. 1).

De volta para a sala do casal Vasconcelos, os presentes tentam justificar as visões de Cruz dizendo que “o desvario do doente foi contagioso, e fez com que o senhor visse o que ele supunha ver”, mas apesar dos protestos dos outros,

o desembargador ainda mantém sua crença no sobrenatural. Porém, diferente do restante dos presentes, Maria do Céu se manteve em silêncio, com os olhos baixos e só os ergue quando é questionada pelo desembargador Cruz: “Crê agora em fantasmas, D. Maria do Céu?”. Outro que tem uma reação diferente dos demais é o bacharel Antunes, que levanta para talvez tomar um ar - “talvez refletir a tempo no risco de vir a interpretar algum dia um hebraísmo das Escrituras”.

Nesse ponto da narrativa, temos o cerne do fantástico, o momento em que diante de um acontecimento sobrenatural, o personagem hesita; Cruz expressa: “Como vi eu a mulher sem olhos? Esta foi a pergunta que fiz a mim mesmo”. Nesse sentido, Todorov define que “o fantástico é a vacilação experimentada por um ser que não conhece mais que as leis naturais, frente a um acontecimento aparentemente sobrenatural.” (TODOROV, 2004, p. 16). Outro ponto para ressaltar é acerca do comportamento de Maria do Céu, possível adúltera, que ao manter os olhos baixos imita o movimento da falecida Lucinda e elucida o medo de ter o mesmo destino da mulher. Para isso, França explica que o “medo não é uma pura informação sobre o mundo à nossa volta, mas o resultado de um juízo que fazemos sobre o mundo – sobre o quão ameaçadores objetos, seres ou eventos podem ser.” (FRANÇA, 2011, p. 59).

4. CONCLUSÕES

Todorov já estabeleceu que o terror/temor não é uma das condições necessárias dentro do gênero fantástico, porém, é possível afirmar que Machado de Assis, no conto “Sem olhos”, consegue condensar ambas temáticas, elucidando com maestria o fantástico - utilizando em sua narrativa características funcionais que compõem o gênero - e adentrando o horror pelo viés do medo evocado/transposto pelo campo do olhar.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. Trad. Maria Clara Correa Castello. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BOSI, Alfredo. Fenomenologia do olhar. In: NOVAES, Adauto (Org.). **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

FRANÇA, Julio. Fontes e sentidos do medo como prazer estético. In FRANÇA, Julio (org.). **Insólito, mitos, lendas, crenças**. Anais do VII Painel Reflexões sobre o Insólito na narrativa ficcional. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2011.

LOVECRAFT, Howard Phillips. **O Horror Sobrenatural na Literatura**. Trad. João Guilherme Linke. Rio de Janeiro. Francisco Alves. 1987.